

ENTREVISTA AVALIAÇÃO NA UNIVERSIDADE: ALGUNS DESAFIOS

Mara Sordi

Quanto mais o trabalho pedagógico é consequente e significativo para o aluno, mais êxito há na avaliação

A professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Mara Regina Lemes De Sordi, foi uma das palestrantes do “Encontro de Profissionalização Docente: Mediação Pedagógica na Universidade”, realizado pela Unochapecó, com o tema: “Avaliação da aprendizagem na universidade”. Graduada em Enfermagem pela Universidade de São Paulo, mestre em Enfermagem, também pela USP, e doutora em Educação pela Unicamp.

Sua experiência na área de educação tem ênfase em avaliação de sistemas, instituições, planos e programas educacionais. Os temas avaliação, ensino superior, enfermagem, formação de professores e avaliação institucional fazem parte do trabalho da professora Mara Sordi. Depois de proferir a palestra no encontro organizado pelo Núcleo de Apoio Pedagógico da Unochapecó (NAP), em 20 de abril, a professora Mara falou ao jornalista e professor do curso de Jornalismo da Unochapecó, Hugo Paulo Gandolfi de Oliveira*.

Unochapecó Notícias - Quais são as principais dificuldades ao se avaliar a aprendizagem do aluno?

Mara Sordi - Uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos professores é ter muita clareza do que é a boa aprendizagem de um aluno universitário, quais são os indicadores que ele aprendeu. E aí os conflitos aparecem, porque há sempre muito medo dos professores universitários cometerem injustiças. Eles pretendem acertar, querem identificar nos processos os alunos que aprendem, quanto aprendem e o desenvolvimento que tiveram. Mas há dificuldade para concretizar isso, porque as competências do estudante universitário são muito mais amplas do que meramente os aspectos ligados à cognição, os aspectos técnico-científicos. Há um conjunto de desafios na formação universitária que escapa ao controle dos instrumentos convencionais de avaliação. Isso coloca complexidade para o professor reconhecer de fato quando um aluno aprendeu e de que forma ele expressa a aprendizagem e o quanto essa aprendizagem não é meramente utilitarista de alguns saberes que ele acaba memorizando, incorporando e devolvendo nos instrumentos oficiais, mas que nem sempre permanecem com ele. As dificuldades estão nesta linha: como eu me dou conta da complexidade que não se expressa apenas na forma como eles escrevem, os instrumentos que muitas vezes reduzem isso, a questão da memorização, da escrita, etc., quando os desafios da formação são mais largos, mais envolventes frente aos próprios desafios da sociedade do conhecimento?

UN - Do ponto de vista do aluno, que fatores interferem na avaliação?

Mara Sordi - Um aspecto que acho importante é a avaliação nitidamente articulada e vinculada com a natureza do trabalho pedagógico desenvolvido. Então, se eu quiser observar as dificuldades que o aluno tem na avaliação, também tenho que interrogar quais são as dificuldades ou de que forma o trabalho pedagógico que ele, o aluno, e o professor desenvolveram em sala de aula. Quando esse trabalho

pedagógico é consequente, é articulado, rigoroso, se torna tão fecundo e isso acaba se revelando ou se expressando na avaliação. Então, quanto mais o trabalho pedagógico é consequente e significativo para o aluno, mais êxito ele tem na avaliação. Quanto mais esse trabalho pedagógico é precário ou não o motiva, não o instiga, não o coloca frente aos desafios da sua profissão, dos problemas reais que têm sentido para ele, mais a avaliação se torna uma peça artificial no processo de ensino. Nessa artificialidade ele fica perdido, sem saber exatamente o que é valor para o professor, que aspecto de tudo o que foi tratado em sala de aula será priorizado e de que forma o professor espera que ele responda. Essa cultura de avaliação de única resposta certa, muitas vezes condiciona o aluno a ter problemas no processo avaliativo tentando descobrir o que é verdade para o professor. Daí, é um dos aspectos que mais precisa ser questionado hoje, porque está na contramão do que seja um processo de reflexão, de autonomia intelectual que não deve escapar também do processo de avaliação. Se eu quero o aluno com autonomia intelectual, o processo de avaliação deve permitir que ele possa elucidar, levantar hipóteses, formular caminhos, construir linhas de raciocínio que se confrontam com a visão de avaliação, com resposta certa que muitas vezes está muito interiorizada, tanto na cultura do aluno quanto do professor universitário.

UN - Como corrigir eventual avaliação inadequada?

Mara Sordi - É uma avaliação inadequada se for compreendida que não foi justa, pois, não expressa o conhecimento, não leva em conta as deficiências ou as defasagens do processo de ensinar e de aprender. A melhor forma de corrigi-la é inserir os processos de recuperação e de revisão dos resultados no próprio processo. Então, se o resultado não está adequado, a devolutiva do resultado avaliativo e o diálogo do professor com o aluno permitem que se renegociem pontos de vista e até a própria questão da revisão de notas. Na verdade, a avaliação não é confortável, mas o que está em jogo é se o aluno aprendeu ou não. Há necessidade de que seja incorporada ao processo avaliativo uma decisão de recuperação do conhecimento, do saber

que foi perdido ou não foi bem alcançado pelo instrumento que, muitas vezes, também pode não estar bem calibrado. Outras vezes, pela forma como nossas salas de aula estão organizadas, com número bastante grande de alunos, você não consegue captar as necessidades particulares dos educandos. Isso implicaria que pudéssemos levar isso em conta e, eventualmente, mudar a forma de ensinar; e criar novas oportunidades que favoreçam ao aluno expressar de outra forma, ou compreender aquilo que ele quis te dizer, e ao qual o instrumento não foi fiel.

UN- O que mais prejudica o desenvolvimento da avaliação?

Mara Sordi - Muito do processo de avaliação é truncado pelas relações de poder, que podem estar contaminando essa relação, que é pedagógica, é dialógica e que deve fazer sentido para o professor e o aluno como parceiros na construção do conhecimento. Quanto mais ela tiver esse viés de relação de poder, de usar a avaliação para exercer coerção sobre o aluno, para submetê-lo, para controlá-lo, menos terá sua feição educativa valorizada. Portanto, ela não cumprirá o papel da avaliação, que é ajudar na aprendizagem, promover o desenvolvimento da pessoa, e vai ter uma vertente muito mais burocrática, de certificação, de registro, do que propriamente ser reconhecida como um componente do processo de ensino-aprendizagem. Ela não é uma coisa à parte. Então, o que mais dificulta que possa ser otimizada, desejada e aproveitada, que se torne produtiva são a relação de poder e o viés burocrático, muito mais centrados no produto do aluno e do que no processo que orientou o trabalho de ambos, professor-aluno e professor-aluno-classe. Muitas vezes, esse também é um componente da boa formação para os alunos produzirem em colaboração e não em competição pelas notas. Muito do processo de avaliação fica prejudicado porque o aluno está buscando notas, e não conhecimento, e isso precisa ser questionado. É preciso construir uma nova cultura de avaliação, onde a nota, que por enquanto é uma questão ainda necessária para a certificação, deixe de ser o protagonista da cena, cedendo lugar para o conhecimento.

UN - Até onde os processos de avaliação utilizados na universidade efetivamente indicam se houve ou não aprendizagem?

Mara Sordi – Boa parte da avaliação da aprendizagem está orientada para a medição de conhecimentos que o aluno tem e não propriamente à avaliação. Medir se ele sabe ou não sabe por meio de algumas questões pontuais não pode ser sinônimo de avaliação da aprendizagem. Assim nós fazemos muito mais a avaliação do ensino do que propriamente da aprendizagem. Nem tudo o que o aluno manifesta concretiza de fato o que o ele aprendeu. Especialmente se as formas do processo avaliativo não forem reconfiguradas, acabam expressando muito pouco do que é o aluno. Se estiverem centradas em instrumentos pouco criativos, e muito centrados em formas convencionais, ou explorando aspectos de memorização e não de problematização de respostas e de autonomia intelectual dificilmente estarão expressando o que o aluno aprendeu. Portanto, se a avaliação não expressa o que o aluno aprendeu, torna-se um instrumento de medida que serve muito mais como sistema de comparação, de classificação dos estudantes e distribuição deles através de um perfil de turma-classe do que propriamente um orientador e iluminador da aprendizagem feita. Deixa, assim, de servir para reorientar o trabalho dele e do próprio professor.

UN - Como deve ser a avaliação da aprendizagem na universidade?

Mara Sordi - Quanto mais a avaliação ganhou a centralidade da cena pedagógica, menos os alunos aprenderam. Eu diria: quanto menos atenção tiver que prestar à avaliação, e mais atenção e energia forem dispensadas ao trabalho pedagógico desenvolvido na sala de aula, esse processo qualificará os resultados da aprendizagem e a avaliação. A avaliação vai se tornar mais adequada no momento em que estiver articulada no trabalho que professor e aluno fazem para que possam ambos aprender. Aprender mutuamente, desafiar-se mutuamente, confrontar

seus pontos de vista e construir significados para as relações que são travadas. A avaliação vai permitir a iluminação disso, desse processo, e vai combinar com o resultado que vai ser apreendido da forma mais diversificada possível, dialógica, num clima de respeito, onde o aluno perceba o professor como alguém parceiro dele na tarefa de descobrir conhecimentos, de fazer suas apropriações de conhecimento. Não deve ser instrumento de medo e de prestação de contas ao professor, e menos ainda à burocracia. A avaliação tem de ser absolutamente articulada, como se fosse uma tríade: ensinar, aprender e avaliar. E absolutamente referenciada a um projeto pedagógico do curso, para que possa ter a feição emancipatória que normalmente está incluída nos projetos dos cursos hoje, na luz das diretrizes curriculares que são pensadas para o ensino de graduação.

**Um conjunto de desafios na
formação universitária escapa
ao controle da avaliação.**

**A avaliação é mais adequada
se estiver articulada para que
professor e aluno possam aprender.**

Interview: Evaluation in the university: some of the challenges